

□ Tempo de leitura: 10 min.

Com as faculdades do espírito, como o intelecto e a memória, permanecemos no âmbito do conhecer. Agora trata-se de adentrar no campo do agir. De fato, «embora a árvore da prudência finque suas raízes no intelecto, suas flores e frutos são produto da vontade».

A faculdade principal

Segundo a antropologia escolástica, familiar ao bispo de Genebra, a principal faculdade do homem poderia ser o intelecto. Não é assim. Como já haviam feito Santo Agostinho e alguns filósofos como Duns Scotus, São Francisco de Sales atribui o primeiro lugar à vontade.

É a vontade, monarca da alma, «vontade toda nobre», que deve governar todas as «potências» da alma. Entre todas as faculdades do espírito humano, a vontade livre é a única verdadeiramente no poder da pessoa humana:

Não somos donos da nossa fantasia, pois não podemos nos defender de um número quase infinito de ilusões e imaginações. O mesmo se pode dizer da memória, já que muitas vezes gostaríamos de lembrar de muitas coisas e não conseguimos; ou, ao contrário, não lembrar de outras tantas que gostaríamos de esquecer. Por fim, percorrei tudo o que há em vós, encontrareis apenas uma pequena parte da qual somos donos: é a vontade.

O autor do *Teótimo* quer demonstrar que a vontade é o verdadeiro recurso da pessoa humana, pois, graças a ela e ao seu redor, convergem, em um conjunto harmonioso, todos os elementos psíquicos e espirituais que compõem o homem.

Mas como funciona a vontade?

A resposta é relativamente fácil se nos referirmos ao modelo salesiano da meditação, com as três partes que a compõem: as considerações, os afetos e as resoluções.

As **considerações** consistem em refletir e meditar sobre um bem, uma verdade, um valor. Essa reflexão ou meditação normalmente produz afetos, ou seja, grandes desejos de adquirir e possuir esse bem ou valor, e esses afetos são capazes de «mover a vontade», que, uma vez «movida», produz «resoluções». Enquanto as considerações derivam claramente das faculdades racionais do espírito (intelecto, memória, sem esquecer a imaginação), os afetos e as resoluções fazem parte do que Francisco de Sales chama de «coração».

Os **afetos** que movem a vontade são doze, geralmente em pares: amor e ódio,

desejo e fuga, esperança e desespero, alegria e tristeza, coragem e medo, ira e sentimento de triunfo. Para São Francisco de Sales, o amor aparece sempre em primeiro lugar. O amor governa os outros afetos e entra primeiro no coração: «A tristeza, o temor, a esperança, o ódio e os outros afetos da alma não entram no coração se o amor não os arrasta consigo».

Curiosamente, a vontade tem antes de tudo uma dimensão passiva, enquanto o amor é a potência ativa que move e comove. A vontade não decide se não é movida por esse estímulo predominante: o amor. E o amor se impõe à própria vontade. Tal é a força do amor que, para quem ama, nada é difícil, «*amanti nihil difficile*»; melhor ainda, «para o amor nada é impossível».

O fruto da vontade são as **resoluções**. Querer é escolher. Enquanto se é criança, ainda se é inteiramente dependente e incapaz de escolher, mas ao crescer as coisas mudam rapidamente e as escolhas se impõem. Normalmente as escolhas são difíceis porque exigem que se renuncie a um bem em favor de outro. Na maioria das vezes o coração está dividido entre os afetos da parte inferior da alma e as resoluções da parte superior.

A força do amor

«O amor é forte como a morte», repete Francisco de Sales com o *Cântico dos Cânticos*; ou melhor, «o amor, mais forte que a morte, amolece, enternece e faz derreter os corações muito mais rapidamente do que todas as outras paixões». Considerando bem, o homem vale apenas pelo amor, e todas as potências e faculdades humanas, especialmente a vontade, tendem a ele: «Deus quer o homem somente pela alma, e a alma somente pela vontade e a vontade somente pelo amor».

O amor se serve da força de vontade para governar todas as faculdades e todas as paixões. Será um «amor armado» e tal «amor armado, chegando ao zelo, submeterá nossas paixões». Essa vontade livre «reside na parte suprema e mais espiritual da alma» e «não depende de outro senão de Deus e de si mesma; e quando todas as outras faculdades da alma estão perdidas e submetidas ao inimigo, só ela permanece dona de si para não consentir de modo algum».

A escolha, porém, não está apenas no objetivo a ser alcançado, mas também na intenção que preside a ação. É um aspecto ao qual Francisco de Sales é particularmente sensível, porque toca a qualidade do agir. De fato, o fim perseguido imprime um sentido à ação. Pode-se decidir realizar um ato por muitos motivos. Diferentemente dos animais, «o homem é tão dono de suas ações humanas e racionais que as realiza todas por um fim»; pode até mudar o fim natural de uma ação, acrescentando-lhe um fim secundário, «como quando, além da intenção de

socorrer o pobre a quem se destina a esmola, acrescenta a intenção de obrigar o indigente a fazer o mesmo».

Entre os pagãos, as intenções raramente eram desinteressadas: «faziam quase tudo por honra ou por algum outro propósito efêmero, como lembra Santo Agostinho». As intenções podem estar contaminadas «por orgulho, vaidade, interesse temporal ou algum outro motivo ruim». Existem conversas que são ruins simplesmente porque «são feitas com má intenção». Às vezes «fingimos querer ser os últimos e nos sentamos no fim da mesa, mas para passar com mais honra para a cabeceira».

«Purifiquemos, portanto, *Teótimo*, enquanto pudermos, todas as nossas intenções», pede o autor do *Tratado do amor de Deus*. A boa intenção “anima” as menores ações e os gestos simples do dia a dia. De fato, «atingimos a perfeição não fazendo muitas coisas, mas fazendo-as com uma intenção pura e perfeita». Não se deve perder a coragem, porque «sempre se pode corrigir a própria intenção, purificá-la e melhorá-la».

As resoluções

A vontade, portanto, deve produzir «resoluções» ou propósitos; caso contrário, corre o risco de ser vazia e ineficaz. Chega o momento em que não se deve mais «especular com o raciocínio», mas «endurecer a vontade». «Nossa alma esteja triste ou alegre, submersa na doçura ou na amargura, em paz ou perturbada, luminosa ou sombria, tentada ou tranquila, cheia de prazer ou de desgosto, imersa na aridez ou na ternura, queimada pelo sol ou refrescada pelo orvalho», não importa; uma vontade forte não se deixa facilmente desviar de seus propósitos. «Permaneçamos firmes em nossos propósitos, inflexíveis em nossas resoluções», pede o autor da *Filoteia*. É a faculdade principal da qual depende o valor da pessoa: «O mundo inteiro vale menos que uma alma e uma alma não vale nada sem nossos bons propósitos».

O substantivo «resolução» indica uma decisão que chega ao fim de um processo, que envolveu o raciocínio com sua capacidade de discernir e o coração, entendido como uma afetividade que se deixa mover por um bem atraente. Na «declaração autêntica» que o autor da *Introdução à vida devota* convida Filoteia a pronunciar, lê-se: «Esta é a minha vontade, minha intenção e minha decisão, inviolável e irrevogável, vontade que confesso e confirmo sem reservas ou exceções».

Uma meditação que não resulte em atos concretos não serviria para nada. Nas dez meditações propostas como modelo na primeira parte da *Filoteia*, encontramos expressões frequentes como estas: «quero», «não quero mais», «sim, seguirei as inspirações e os conselhos», «farei tudo o que for possível», «quero fazer isto ou

aquilo», «farei este ou aquele esforço», «farei esta ou aquela coisa», «escolho», «quero participar», ou ainda «quero assumir o cuidado necessário».

Uma confusão frequente é a que identifica vontade e capricho: «É assim que agem os libertinos que não querem ter outra lei senão aquela que dita a vontade pessoal». Um grande inimigo da vontade é a rotina, o deixar-se levar passivamente, o costume. O fundador das visitandinas recomendava que elas estivessem conscientes dos gestos que faziam e evitassem realizá-los mecanicamente:

Que a vontade esteja conforme às boas ações exteriores que realizarão, sejam pequenas ou grandes. Nada seja feito por hábito, mas por escolha e exercício da vontade; e se alguma vez a ação exterior antecipar o afeto interior, por causa do hábito, que o afeto ao menos a siga de perto.

Por motivos bem compreensíveis, convém fazer frequentemente uma revisão de nossas resoluções: “Essa prática reparará as vossas forças enfraquecidas pelo tempo, aquecerá o vosso coração, fará reviver os vossos bons propósitos e fará florescer as virtudes do vosso espírito”.

Um admirável educador do coração humano

São Francisco de Sales foi considerado um «admirável educador da vontade». Poder-se-ia dizer também: um admirável educador do coração humano, se se quiser destacar a dimensão afetiva característica da noção salesiana do coração. Como se viu, ele não negligenciou nenhum componente do ser humano: o corpo com seus sentidos, a alma com suas paixões, o espírito com suas faculdades, em particular intelectuais. Mas o que mais lhe importa é o coração humano, sobre o qual escrevia a uma de suas correspondentes: «É necessário, portanto, cultivar com grande cuidado esse coração amado e não poupar nada do que possa ser útil à sua felicidade».

Agora, o coração do homem é «inquieto», segundo a afirmação de Santo Agostinho, porque está cheio de desejos insaciados. Parece que nunca tem nem «repouso nem tranquilidade». Francisco de Sales propõe então uma educação também dos desejos. De fato, o principal inimigo da vontade «é a quantidade de desejos que temos desta ou daquela coisa. Em resumo, nossa vontade está tão cheia de pretensões e projetos que muitas vezes não faz outra coisa senão perder tempo considerando-os um a um ou todos juntos, em vez de se empenhar para realizar um mais útil». Que atitude é necessário assumir diante da multidão de desejos e da dispersão dos projetos?

Se não começardes a seguir alguns dos vossos desejos, eles se multiplicarão

continuamente e lotarão de tal modo o vosso espírito que não sabereis mais como vos desenredardes.

«Nossa vontade fica enfraquecida quando ama muitas coisas ao mesmo tempo; seus desejos e vontades são menos violentos e ardentes quando são muitos». A solução é óbvia: evitar «a multidão de desejos que atrapalha o espírito». É necessário, portanto, regular os desejos e deixar de lado os desejos inúteis: temo – escreve o bispo de Genebra à baronesa de Chantal – «que nos entretenhamos com esses desejos que não nos são necessários e que não deixemos espaço suficiente para nosso espírito, para os desejos que nos são mais úteis e imprescindíveis». Os sujeitos mais expostos a serem tomados por múltiplos desejos são os jovens. Tudo depende da maneira como eles pretendem gerir esse recurso. «Se um jovem sente um desejo vivo por certa posição antes do tempo certo, para que serve, digam-me, esse desejo?». O realismo impõe não se distrair com desejos vãos, inúteis ou, pior, prejudiciais.

Existe, de fato, uma espécie de «decoro da vontade», assim como há um decoro no comportamento exterior, explicava o fundador das visitandinas a respeito da «segunda modéstia». Quando o espírito se deixa tomar por uma curiosidade desmedida, a vontade corre o risco de se inflamar com múltiplos desejos ineficazes, como acontece frequentemente no âmbito espiritual.

Motivar a vontade

Francisco de Sales pode ser considerado um educador do coração humano não apenas porque exaltou a força da vontade, mas também no sentido de que alimentou essa faculdade, propondo-lhe motivações e ideais atraentes, capazes de pôr em movimento a liberdade humana. De fato, para ser eficaz, a educação deve valer-se desse grande recurso da pessoa: é preciso «mover a vontade», atraindo-a para o bem, para a verdade e para a beleza; enfim, propondo-lhe valores e fazendo-a desejá-los.

Um bom pedagogo sabe que, para conduzir seu aluno ao objetivo proposto, seja ele o saber ou a virtude, é imprescindível apresentar-lhe um projeto que mobilize suas energias. Francisco de Sales revela-se um mestre na arte de motivar, quando ensina a sua «filha», Joana de Chantal, uma de suas máximas preferidas: «É preciso fazer tudo por amor e nada por força».

Sempre que Francisco de Sales fala do coração humano, e isso é frequente, as duas dimensões, respectivamente afetiva e efetiva, da vontade aparecem muitas vezes misturadas. Ele quer um coração doce e pacífico, puro, indiferente, um «coração desrido de afetos» incompatíveis com a vocação, um coração «reto», «distendido e

sem qualquer constrição». Não gosta da «ternura de coração» que se reduz à busca de si mesmo, e exige, em vez disso, a «firmeza de coração» no agir. «A um coração vigoroso nada é impossível» – escreve a uma senhora –, para encorajá-la a não abandonar «o curso das santas resoluções». Quer um «coração viril» e ao mesmo tempo um coração «dócil, maleável e submisso, rendido a tudo que é permitido e pronto para assumir todo compromisso por obediência e caridade»; um «coração doce para com o próximo e humilde diante de Deus», «nobremente orgulhoso» e «perenemente humilde», «doce e pacífico». Uma de suas «bem-aventuranças» diz: «Bem-aventurados os corações flexíveis, porque nunca se quebrarão».

Estejamos atentos, pois frequentemente nos assemelhamos à perdiz da Paflagônia que tem dois corações: «Temos um coração doce e cortês para conosco mesmos, e um coração duro, severo, rigoroso para com o próximo». É necessário retificar o coração sem cessar: «Serás imperfeita durante toda a tua vida, e sempre haverá muito a corrigir», escreve a uma pessoa sob sua direção. É preciso «fortalecer o coração contra as tentações».

Quando o coração está tomado pela inquietação, é importante fazê-lo reencontrar a paz, pois «sendo perturbado e inquieto em si mesmo, nosso coração perde a força necessária para conservar as virtudes conquistadas e, conjuntamente, os meios necessários para resistir às tentações e ao inimigo». Uma recomendação de vital importância é «ter uma igualdade contínua e inviolável de coração em tanta diversidade de acontecimentos». Para conservar o equilíbrio, «mortifique-o em suas alegrias, faça-o alegrar-se em suas mortificações».

No fim das contas, a educação da vontade visa à plena posse de si mesmo, que Francisco de Sales expressa por meio de uma imagem: tomar o coração nas mãos, possuir o coração ou a alma. «A grande alegria do ser humano, Filoteia, é possuir a própria alma; e quanto mais a paciência se torna perfeita, mais perfeitamente possuímos nossa alma». Isso não significa insensibilidade, ausência de paixões ou afetos, mas uma tensão para a posse de si mesmo. Trata-se de um caminho dirigido à autonomia de si, garantida pela supremacia da vontade, livre e razoável.

Conclusão

Indiscutivelmente, em Francisco de Sales há uma valorização da afetividade, mas também da vontade entendida no sentido de firmeza e constância na decisão. Ele dizia de si mesmo:

Na minha opinião, não há alma no mundo que ame mais cordialmente, ternamente e, com toda a honestidade, com mais amor do que eu; na verdade, agradou a Deus dar-me um coração assim.

Chega a dizer: «Sou o homem mais afetuoso do mundo», mas logo acrescenta: «Amo as almas independentes, vigorosas e que não são efeminadas», sabendo bem que uma «ternura» exagerada «embota o coração, o inquieta e o distrai». Sem jamais renunciar ao amor afetivo, Francisco de Sales defende um amor efetivo, fundado nas «resoluções» da vontade efetiva.